

## **Gênero e sexualidade como marcadores sociais da pandemia de covid-19: um panorama das teses e dissertações em Comunicação<sup>1</sup>**

Maurício João VIEIRA FILHO<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Mariana Ramalho PROCÓPIO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **RESUMO**

Neste trabalho, objetiva-se perceber como marcadores de gênero e sexualidade são mobilizados no campo da Comunicação em pesquisas que tematizaram a pandemia de covid-19. Trata-se de um esforço em explorar como a Comunicação se situa e se desenvolve para trazer gênero e sexualidade, especialmente, em evidência nos processos comunicacionais pandêmicos. Para tanto, o repositório de teses e dissertações da Capes foi consultado a partir das palavras-chave “pandemia” e “covid-19”, observando as pesquisas que trouxeram discussões de gênero e sexualidade. Os resultados são baixos e se voltaram às questões de gênero mais como um pano de fundo do que propriamente uma questão a ser apreendida do ponto de vista comunicacional. Não localizamos pesquisas no repositório sobre sexualidade na pandemia de covid-19, nem mesmo sobre a população e os indivíduos LGBTQIA+.

**PALAVRAS-CHAVE:** pandemia de covid-19; gênero e sexualidade; pesquisa em Comunicação.

### **INTRODUÇÃO<sup>4</sup>**

Desigualdades e hierarquias sociais evidenciadas pela pandemia de covid-19 se tonificam e afetam as vidas de quem já enfrenta violências, patologizações e abjetificações cotidianas na sociedade por serem vistos como “outros” na matriz social em razão das marcas e normas de gênero, sexualidade, raça, classe social, idade etc. Mafra e Procópio (2022) enfatizam que, na disseminação da covid-19 pelo mundo, a presença

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP – Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista Capes, e-mail: [mauriciovieiraf@gmail.com](mailto:mauriciovieiraf@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: [mariana.procopio@ufv.br](mailto:mariana.procopio@ufv.br).

<sup>4</sup> Este trabalho apresenta partes da pesquisa de doutorado em desenvolvimento de um dos autores.

---

da exclusão, marginalização e periferização na sociedade se aprofundou sustentando desigualdades de diversas ordens. Para Butler (2021, n. p.), “o fato de alguém viver ou não uma vida vivível não é uma mera questão existencial privada, mas uma questão econômica urgente, incitada pelas consequências de vida ou morte da desigualdade social”. Em tempos de covid-19<sup>5</sup>, as vulnerabilidades se fortaleceram e, para pessoas LGBTQIA+, as vidas ficaram ainda mais difíceis de serem vividas (RAMOS, NICOLI, PEDRA, 2020).

Por tais motivos, é notório que a pandemia de covid-19 fortalece um conjunto de desigualdades sociais constituídas pelos marcadores sociais das diferenças. Nas palavras do filósofo Pablo Pérez Navarro (2020, p. 17), “não é sem motivo que se repete que a Covid-19 não inventou quaisquer desigualdades, mas apenas aprofundou as que já estavam aí”. Com as privações ocasionadas pelo alastramento do vírus, as condições desiguais socioeconômicas e os diversos efeitos do isolamento social no cotidiano, percebe-se que a covid-19 se torna uma pandemia cujas dimensões políticas acentuam subalternizações e violências para quem é assimilado como “desvio” na sociedade.

Diante deste contexto, neste trabalho, nosso objetivo é perceber como marcadores de gênero e sexualidade são mobilizados no campo da Comunicação em pesquisas que tematizaram a pandemia de covid-19. Trata-se de um esforço em explorar como a Comunicação se situa como campo de conhecimento e se desenvolve para trazer gênero e sexualidade, especialmente, em evidência nos processos comunicacionais pandêmicos. Para tanto, exploramos o repositório de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e realizamos consultas a partir das palavras-chave “pandemia” e “covid-19”, observando as pesquisas que trouxeram discussões de gênero e sexualidade em alguma medida. De tal maneira, o artigo se estrutura em duas partes para discutir, primeiro, o cenário da Comunicação e as pesquisas realizadas sob tal guarda-chuva e, em seguida, perceber quais se direcionaram ao contexto da pandemia de covid-19 por meio do levantamento realizado por nós até este momento de submissão do artigo ao GP – Comunicação, Alteridade e Diversidade.

---

<sup>5</sup> No dia 5 de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu que a covid-19 sai do estágio denominado como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o que não representa o encerramento da pandemia no mundo. Cabe lembrar que o marco pandêmico foi datado em 11 de março de 2020 pela organização e, atualmente, a doença se encontra em um nível mais controlado em razão da vacinação da população. Informação disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 14 ago. 2023.

---

Destacamos que nosso intuito não é cartografar o campo, visto que exigiria um esforço próprio em dar conta da totalidade de trabalhos publicados, ações já desenvolvidas por pesquisadores como Tomazetti (2020), Ziller *et al.* (2023) e Scudeller *et al.* (2023). Além disso, entendemos que o aumento das investigações sobre a pandemia de covid-19 tende a crescer em razão de ser um fenômeno recente e em desdobramento. Para muitos pesquisadores, a pandemia de covid-19 pode ser vista como acabada e saturada, sobretudo em virtude do excesso de trabalhos empreendidos durante a ebulição dos piores momentos de infectados e mortos. Essa ação nos indica como o campo tentou trabalhar em um contexto no qual as consequências se ampliavam diariamente. No entanto, mesmo que hoje o cansaço seja um ponto forte para evitar abordar a doença e a aparente evolução para uma situação epidemiologicamente controlada, não devemos trabalhar nossas pesquisas no campo comunicacional sem lembrar do contexto pandêmico e da alteração nos processos sociais e nas interações, nem mesmo fingir que estamos em um momento sociopolítico em pleno equilíbrio e livre de problemas econômicos, psicológicos e culturais ocasionados por esse fenômeno. É com esse horizonte em vista que o interesse por realizar um panorama no campo ganha tônus neste artigo<sup>6</sup>.

## **GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO**

Os esforços para mapear as pesquisas em Comunicação que tratam de Gênero e Sexualidade foram empreendidos por alguns autores, dentre os quais destacamos Escosteguy (2008) e Tomazetti e Coruja (2017). Contudo, interessa-nos aqui retomar o mapeamento das dissertações e teses defendidas na Comunicação entre 1972 e 2015, realizado por Tomazetti (2020), em que aponta a conclusão de 316 pesquisas incluídas sob o guarda-chuva conceitual dos estudos de gênero — em abrangência aos trabalhos que trouxeram aportes teórico-conceituais feministas, queer, LGBTQ+ e das masculinidades e feminilidades. Destaca-se que o objetivo do pesquisador é perceber a interface de tais estudos na Comunicação, um campo cujos fenômenos são múltiplos, com distintas abordagens metodológicas e possibilidades de construção epistemológica. No entanto, ao trazer em evidência a tematização das relações de gênero, quer-se notar

---

<sup>6</sup> Acreditamos que, pelo tempo regular de um doutorado, o volume de teses que trazem a pandemia em primeiro plano para a investigação deve crescer na Comunicação. Por tal motivo, neste trabalho, indicamos que nosso esforço ocorre em um cenário em desenvolvimento e que diz do momento no qual o levantamento foi realizado.

---

questões que atravessam nossa cultura e, portanto, instauram dimensões centrais em nossas vidas e práticas comunicacionais. Nesse sentido, Tomazetti (2020) suscita que alguns resultados quali-quantitativos a partir da observação nos programas de pós-graduação (PPGs) para entendermos os avanços e os percalços no campo:

[...] desde 1972, quando foram fundados os primeiros PPGs na área, até o ano de 2015, produziu-se, aproximadamente, 13.265 investigações de mestrado e doutorado em comunicação. Desse número total, 316 pesquisas realizam algum tipo de interface com os estudos de gênero. Essas investigações estão distribuídas em 28 dos 44 Programas de Pós-Graduação que possuíam defesas nesses 43 anos. Geograficamente, as investigações de gênero e comunicação estão em sua grande maioria localizadas nas regiões Sudeste (66%) e Sul (19%) do Brasil (TOMAZETTI, 2020, p. 72).

Entre os destaques, na década de 2010 em diante, houve um acréscimo quantitativo nas teses e dissertações com interface em gênero, nas quais foram constatados problemas de pesquisa cujo alvo principal é o jornalismo. Percebe-se, ainda, a predominância da vertente teórica dos estudos feministas; seguida por abordagens *queer* e de estudos LGBT; em terceiro, debates das masculinidades. Fortemente, no campo da Comunicação, o conceito de representação foi mobilizado como chave operacional para tensionar gênero nas pesquisas e perceber que tipo de pensamento se tem na sociedade sobre discursos, práticas e ideias sobre as divisões binárias de feminino e masculino. Outro destaque é a maior predominância teórica das norte-americanas Joan Scott e Judith Butler e da brasileira Guacira Lopes Louro, como pesquisadoras pós-estruturalistas cujas vertentes teórico-políticas se empenham na inconformidade dos regimes normativos de identidade e diferença na matriz sociocultural. No entanto, embora cresça a tematização dessas diferenças a partir do ponto de vista comunicacional, reside uma crítica na simples assimilação conceitual do que é definido como “gênero” por essas pesquisadoras, e não um tensionamento epistemológico e metodológico como gesto de apreensão da empiria trazida na investigação. Logo, há fragmentações e, por vezes, apropriações que não representam avanços significativos para o campo comunicacional (TOMAZETTI, 2020). Não que trazer o esforço reflexivo de tais pesquisadoras ao diálogo nas pesquisas de estudos desenvolvidos na filosofia ou educação, por exemplo, seja menos importante, mas é central o cuidado para não as citar meramente sem o compromisso epistemológico com nosso campo e perceber o que há de “propriamente” comunicacional, como nos alerta Braga (2016).

---

Tomazetti (2020), portanto, sugere que nós da Comunicação tenhamos a prudência de evidenciar o quadro teórico de nosso campo, pois evitaremos o isolamento do trabalho e conseguiremos debater os problemas formulados com maior vigor. Nessa esteira em movimento lento, Tomazetti (2020, p. 78, grifo do autor) diz que “[...] estamos em processo de aprendizagem e justamente essa morosidade pode nos permitir flutuar em lugares ainda não explorados e potencializar nossos empenhos de pesquisa em um *devir* epistemológico”. Portanto, nossas ações devem ser, como o pesquisador propõe, de indagar como as relações de gênero e sexualidade acontecem nos processos comunicacionais para que, assim, seja possível entender o porquê transcorrem em nossa sociedade e vislumbrar caminhos teóricos e metodológicos ao campo da Comunicação.

Hoje, um reflexo da progressão no campo se dá com a instituição de um GT da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) voltado especificamente a esse debate: “Comunicação, Gêneros e Sexualidades”, coordenado, desde 2022, por Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Ufop) e Fernanda Capibaribe Leite (UFPE), como vice-coordenadora. Esse GT teve sua primeira reunião no 28º Encontro Anual da Compós, em 2019, após o processo de reativagem, e segue com a publicação de 10 trabalhos anualmente<sup>7</sup>, que passam pelo sistema “duplo cego” de avaliação. Conforme divulgado por e-mail pelo GT no último processo de reativagem na lista de transmissão da Compós, a busca pelos (as) pesquisadores (as) é crescente, haja vista que 27 trabalhos foram submetidos em 2019, 33 em 2020, 30 em 2021 e 24 em 2022. Já em 2023, houve a submissão de 30 artigos para o GT<sup>8</sup>. Em consonância ao crescimento de pesquisas de mestrado e doutorado no Brasil, ter um GT específico em uma das principais organizações do campo revela a importância de estimular tal diálogo e reflexão crítica, teórica e metodológica na construção de conhecimentos que abordam temáticas das diferenças nos processos comunicacionais, bem como reafirmar o compromisso epistemológico e político diante de contextos em que violências e ações sistemáticas de apagamento são promovidos tendo marcadores sociais como esteio.

---

<sup>7</sup> Cada GT da Compós sempre tem 10 trabalhos aprovados, o que representa um esforço acadêmico para o debate mais acurado durante o evento. No entanto, por razões diversas, desde a impertinência do artigo para o GT ou até a limitação de selecionados, essa configuração do evento não possibilita o aumento de apresentações. Logo, o volume de artigos por GT sempre permanece igual a cada ano.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://compos.org.br/2023/03/548-trabalhos-sao-submetidos-ao-32o-encontro-da-compos/>. Acesso em: 4 jul. 2023.

---

Scudeller *et al.* (2023) promoveram uma análise qualitativa dos trabalhos apresentados no GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades, da Compós, entre os anos de 2019 e 2022. Conforme os autores,

ainda que exista uma predominância importante de análises dedicadas a materialidades comunicacionais — desde o expresso em mídias tradicionais, como televisão e cinema, até o observado em redes e plataformas digitais, como Twitter, Instagram e LinkedIn —, as pesquisas perfazem um esforço evidente em concatenar as problematizações aos aportes reflexivos contidos nos próprios fenômenos sociais em questão (SCUDELLER *et al.*, 2023, p. 5-6).

Neste sentido, é possível perceber que os trabalhos tendem a promover análises empíricas, a partir das quais reflexões conceituais, metodológicas e/ou epistemológicas serão realizadas. Contudo, uma vez que a abordagem conceitual ainda privilegia a discussão canônica de autores e autoras dos estudos de gênero e sexualidade e também a mobilização teórica específica do fenômeno estudado (por exemplo, telenovela), parece-nos ser ainda necessário empreender esforços para complexificar a discussão de gênero e sexualidade por uma lente comunicacional.

## **GÊNERO E SEXUALIDADE NA PANDEMIA DE COVID-19: VESTÍGIOS DA DESIGUALDADE NOS TRABALHOS ACADÊMICOS**

Inspirados por Tomazetti (2020), aqui, tais passos foram seguidos por meio da consulta ao repositório de teses e dissertações no banco de dados da Capes, mas por um caminho distinto ao do pesquisador que prezou por determinadas palavras-chave que abrangessem o guarda-chuva de gênero. Com vistas a situar o problema norteador desta pesquisa na Comunicação, a partir das palavras-chave “pandemia” e “covid-19”, como delimitador temporal, seguimos dentre os resultados para identificar quais são os trabalhos que se debruçaram em debates de gênero e sexualidade dentro desse marcador. Entendendo, ainda, que a pandemia de covid-19 emerge em 2020 e permanece até essa etapa de pesquisa (junho de 2023<sup>9</sup>), excluímos resultados anteriores a esse período indexados por alguma razão algorítmica pelo portal. Desde já, cabe o alerta de que as buscas podem não dar conta da totalidade de trabalhos e que, eventualmente, podem nos escapar uma ou outra pesquisa por razões diversas como lacunas nos filtros de consulta

---

<sup>9</sup> Os dados foram obtidos em 13 de junho de 2023 em consulta ao site <https://catalogodeteses.capes.gov.br>.

da plataforma, não lançamento dos dados pelos programas de pós-graduação ou por não conseguirmos alcançar todos em nossa listagem.

Realizada a consulta em junho de 2023, com a palavra “pandemia”, têm-se 56 dissertações de mestrado e 11 teses de doutorado na área do conhecimento Comunicação e demais derivações. Contudo, seis resultados foram excluídos por serem anteriores à emergência da doença no mundo. Assim, do total de 61 pesquisas, apenas 4 se voltaram ao debate de gênero, sendo 3 dissertações e 1 tese (BORELA, 2022; BRITO, 2022; DATRINO, 2022; MOURA, 2022), conforme o quadro abaixo.

**Quadro 1** — Teses e dissertações indexadas com a palavra-chave “pandemia”

<b>Dissertação</b>		
<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Notas sobre a pesquisa</b>
“Debaixo do mesmo teto: O feminicídio durante a pandemia e as narrativas telejornalísticas no Pará” (BRITO, 2022)	2022	A pesquisa analisou narrativas telejornalísticas de duas emissoras paraenses sobre casos de feminicídio entre março de 2020 e abril de 2021, primeiro ano de pandemia. O foco do trabalho se direcionou aos testemunhos de familiares na construção das reportagens (BRITO, 2022).
“Informação e comunicação sobre os direitos das mulheres: a importância da comunicação digital para o acesso à informação” (DATRINO, 2022)	2022	O trabalho abordou a relação entre comunicação digital e acesso à informação, com foco nas informações relacionadas aos direitos das mulheres. O objetivo foi compreender a dinâmica comunicacional no ambiente digital e seu impacto na disseminação da informação sobre os direitos das mulheres (DATRINO, 2022).
“Efeitos de intervenções individuais e grupais sobre o desenvolvimento de valor de atitude em mulheres com fibromialgia: um estudo mediado pela internet na pandemia de Covid-19” (MOURA, 2022)	2022	Com encontros em grupos e reflexões individuais com mulheres com fibromialgia, esse trabalho teve o objetivo, a partir da noção de valor de atitude, de compreender se uma maior participação em encontros grupais on-line teria um efeito mais positivo do que a reflexão individual restrita (MOURA, 2022).
<b>Tese</b>		
“Mulheres e covid-19: a mobilização de experiências em uma narrativa jornalística feminista interseccional da	2022	Direcionada ao estudo cultural do jornalismo, a tese parte de perspectivas dos estudos culturais feministas e da narrativa jornalística, tendo como objetivo compreender como se configura uma narrativa feminista interseccional na

<p>pandemia no Brasil” (BORELA, 2022)</p>		<p>cobertura da pandemia no Brasil. O foco foi nos conteúdos da “Especial Covid-19” produzida pela <i>Gênero e Número</i> em parceria com <i>Revista Azmina</i>, <i>Énois</i> e <i>data_labe</i> (BORELA, 2022).</p>
---	--	--

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao repositório e às pesquisas

Já “covid-19”, no total, são 90 dissertações e 24 teses. Dentre essas, excluímos 27 trabalhos pelos mesmos motivos temporais e chegamos ao total de 87 resultados; somente 7 trabalhos corresponderam às temáticas de gênero (ALBUQUERQUE, 2021; BORELA, 2022; CRISTIE SILVA, 2022; DATRINO, 2022; GOMES DA SILVA, 2022; NASCIMENTO, 2022; WILBERT, 2022), sendo 2 já notados com a outra palavra-chave.

**Quadro 2** — Teses e dissertações indexadas com a palavra-chave “covid-19”

Dissertação		
Título	Ano	Notas sobre a pesquisa
<p>“Resiliência informacional e desinformação no contexto do covid-19: práticas informacionais colaborativas de mulheres imigrantes brasileiras nas mídias sociais” (NASCIMENTO, 2021)</p>	<p>2021</p>	<p>A dissertação aborda a ligação entre migração, gênero, práticas informacionais, desinformação e resiliência informacional nas mídias sociais. O objetivo foi compreender como práticas colaborativas nas mídias sociais, realizadas por mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, contribuem na construção da resiliência informacional e no enfrentamento à desinformação durante a pandemia (NASCIMENTO, 2021).</p>
<p>“Produção da notícia durante a pandemia da covid-19: impactos do novo normal na rotina produtiva das mulheres jornalistas” (ALBUQUERQUE, 2021)</p>	<p>2021</p>	<p>O trabalho investigou os impactos da pandemia na rotina de trabalho das jornalistas da editoria de Política em veículos de comunicação no Distrito Federal, em Brasília. Os resultados sinalizam a existência de novos critérios de noticiabilidade durante a pandemia, sobrecarga das jornalistas e impactos na construção social da realidade por meio das notícias (ALBUQUERQUE, 2021).</p>
<p>“Informação e comunicação sobre os direitos das mulheres: a importância da comunicação digital para o acesso à informação” (DATRINO, 2022)</p>	<p>2022</p>	<p>Idem Datrino (2022) identificada no quadro 1.</p>

<p>“Home office, o trabalho fora do lugar: uma análise feminista das condições de trabalho das mulheres jornalistas” (CRISTIE SILVA, 2022)</p>	<p>2022</p>	<p>Por uma abordagem feminista-marxista, o trabalho abordou mudanças no mundo do trabalho jornalístico sob o contexto do capitalismo, caracterizado por um modelo de produção flexível. A pesquisa investiga as transformações percebidas por jornalistas, no que se refere aos contratos e vínculos empregatícios, aumento do ritmo de trabalho e da produtividade, precarização e feminização do setor, redução de postos de trabalho, demissões e instabilidade na carreira (CRISTIE SILVA, 2022).</p>
<p>“Mediações no jornalismo feminista: o conceito de cuidado na cobertura da pandemia de covid-19 pela revista Azmina” (GOMES DA SILVA, 2022)</p>	<p>2022</p>	<p>Investigou a relação entre o conteúdo do jornalismo feminista e o movimento feminista em meio à pandemia, com foco na <i>Revista Azmina</i>. Para tanto, mobilizou o paradigma dos Estudos Culturais e a teoria das mediações comunicativas de Jesús Martín-Barbero a fim de compreender empiricamente processos culturais e comunicativos de produção de sentidos na sociedade, com ênfase nas práticas diárias do veículo feminista (GOMES DA SILVA, 2022).</p>
<p>“Quando uma de nós morre: O feminicídio no portal G1 no contexto da pandemia de Covid-19” (WILBERT, 2022)</p>	<p>2022</p>	<p>O objetivo foi apreender como o Portal G1, entre abril de 2020 e maio de 2022, noticiou o aumento dos feminicídios durante o início das medidas de isolamento social devido à pandemia. Com isso, o intuito foi compreender como a narrativa foi construída em relação aos crimes contra a vida das mulheres e discutir o papel do jornalismo na promoção dos direitos adquiridos e na conscientização sobre desigualdade de gênero e violência contra a mulher (WILBERT, 2022).</p>
<b>Tese</b>		
<p>“Mulheres e covid-19: a mobilização de experiências em uma narrativa jornalística feminista interseccional da pandemia no Brasil” (BORELA, 2022)</p>	<p>2022</p>	<p>Idem Borela (2022) identificada no quadro 1.</p>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao repositório da Capes e às pesquisas

Nessa busca, de modo geral, nota-se a predominância de pesquisas sobre jornalismo — em suas diferentes materialidades e linguagens — (des)informação, campanhas específicas, narrativas, perfis em redes sociais e plataformas sob o contexto da pandemia de covid-19. Frente ao cenário de circulação de notícias falsas, ataques à profissão e aos veículos de comunicação, juntamente à reverberação de dados pelas plataformas digitais em ebulição, é assimilável a prevalência de dissertações e teses que estudaram a pandemia de covid-19 terem enveredado por tais tematizações como problemas de pesquisa. São trabalhos cujas empreitadas se dão em um fenômeno em transcorrência, o que torna ainda mais complexa as definições empíricas, os recortes temporais e as reflexões teóricas, haja vista que a pandemia de covid-19 continua e, a cada dia, outras consequências se desdobram. Cabe pontuar também que estudar o jornalismo, um dos principais objetos empíricos das pesquisas em Comunicação nesse cenário, com olhares voltados para a covid-19, possui importância diante do papel social desempenhado pelos veículos de comunicação na difusão de informações em um contexto político e social turbulento e enevoado por desinformações.

Especificamente, quando as buscas foram filtradas por trabalhos que trouxeram, em alguma medida, a temática de gênero e sexualidade nesse contexto, os resultados são baixos e, dentre eles, voltaram-se principalmente às questões de gênero com foco nas mulheres. Como a própria OMS comunicou oficialmente junto à Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) em março de 2022<sup>10</sup>, as consequências da covid-19 para a vida das mulheres geraram alertas sobre as condições de saúde, segurança e bem-estar. Entre os resultados divulgados no relatório da Opas, destacam-se o aumento da violência doméstica, assim como a fragilidade dos mecanismos de ajuda para as vítimas, a falta de cuidados para o tratamento da doença enquanto a gravidade da covid-19 ainda não havia acometido o corpo de modo mais intenso e a ausência de planejamento familiar. Segundo a organização também constatou, houve uma piora nos índices de mortalidade materna (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2021). Debora Diniz, Luciana Brito e Gabriela Rondon (2022) atestaram que o Brasil foi o país com o maior número de mortes maternas por covid-19 no mundo, uma vez que falhas nos atendimentos médicos foram ocasionadas por discriminações raciais e pelas normas de gênero, o que dificultou o

---

<sup>10</sup> Disponível em: [10](https://www.paho.org/pt/noticias/8-3-2022-pandemia-covid-19-afetou-mulheres-desproporcionalmente-nas-americas#:~:text=O%20estudo%20aponta%20para%20v%C3%A1rias,seus%20colegas%20do%20sexo%20masculino. Acesso em: 14 ago. 2023.</a></p></div><div data-bbox=)

---

tratamento e os cuidados com as vítimas. Com esse percurso, podemos afirmar que as marcas de gênero e os processos comunicacionais que assinalam normas e ordenamentos coercitivos para as vidas em uma escala binária de masculino e feminino denotam que as vulnerabilidades na pandemia se avolumaram e ganharam mais contornos problemáticos. Portanto, gênero deve ser percebido, assim como a Pan American Health Organization (2021) alertou, como um fator que estrutura e interfere a saúde e a pandemia e, consecutivamente, traz danos às vidas de homens e mulheres de maneira desigual.

Em nossa leitura das pesquisas encontradas no repositório da Capes, até então, parece que gênero se torna mais um pano de fundo do que propriamente uma questão a ser apreendida do ponto de vista comunicacional. Por outras palavras, as pesquisas trabalham as dimensões de gênero como aspecto contextual ou complementar às perspectivas priorizadas em primeiro plano como o jornalismo ou os perfis em plataformas digitais, por exemplo. Perde-se a possibilidade, assim, de problematizar a questão, as normas e as desigualdades trazidas pelo marcador gênero a partir do campo da Comunicação como um fenômeno de ordem social e interacional presente nos processos comunicacionais cotidianos e, em razão do contexto, pandêmicos. Não foi possível localizar pesquisas em Comunicação sobre sexualidade na pandemia de covid-19, nem mesmo sobre a população e os indivíduos LGBTQIA+ até o momento. Apesar da gama de dissertações e teses disponíveis sobre diferentes temáticas da pandemia, essa lacuna significativa revela a ausência de pesquisas acadêmicas no campo que compreendam as vivências, as interações e os desafios enfrentados por essa comunidade durante um tempo em que as desigualdades se aglutinam aos marcadores sociais e suas interseccionalidades.

Salientamos, assim, que o fato de os marcadores sociais das diferenças não serem apreendidos como centrais nas investigações não invalida os achados das dissertações e teses que contribuem para a compreensão da pandemia de covid-19. No entanto, como Tomazetti (2020) já nos alertou, o campo precisa se esforçar e refletir sobre gênero, sexualidade e outras diferenças que balizam e constituem nossas vidas e ações com vistas a apreender tais dimensões em diálogo com a Comunicação. É um empenho em mobilizar repertórios teóricos e conceituais das diferentes matrizes dos estudos de gênero, sexualidade, masculinidades e feminilidades e tensioná-los às práticas e aos processos comunicacionais, sociais e interacionais.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bruno Leal e Elton Antunes (2019), em artigo sobre desafios metodológicos emergentes a partir de uma pesquisa efetuada por eles e outros (as) parceiros (as) sobre testemunhos nas produções jornalísticas de violências contra a mulher, indicam que as pesquisas na Comunicação sobre gênero e sexualidade encontram obstáculos, mesmo que o volume de trabalhos tenha crescido de maneira vertiginosa nos últimos tempos. Dizem os autores que,

em parte, esse cenário vem do próprio esforço histórico de constituição da Comunicação como área de saber, de suas bases e interfaces inter e transdisciplinares, além das incertezas e escolhas metodológicas decorrentes. Em parte, vêm também da constituição do gênero e da sexualidade como fenômenos a serem explorados e dos enfrentamentos epistêmicos, disciplinares e políticos que impõem (LEAL; ANTUNES, 2019, p. 1).

Na Comunicação, é importante, como Leal e Antunes (2019) acentuam, ter cuidados nas abordagens teórico-metodológicas, juntamente às questões éticas e subjetivas envolvidas no processo das pesquisas. Cumpre ainda destacar a necessidade de combatermos universalismos, invisibilização de discussões ou, ainda apropriações pontuais. Ziller *et al.* (2023), em estudo acerca da discussão sobre sexualidades dissidentes nas revistas da área de Comunicação, apontam uma tendência na adoção de termos como LGBT ou homossexual para caracterizar trabalhos específicos sobre experiências homossexuais masculinas. As autoras também sinalizam que os dados de sua pesquisa “mostram que são homens a maior parte das pessoas que assinam os artigos e que a maioria publicou apenas uma vez com esses termos, não configurando uma temática recorrente de pesquisa” (ZILLER *et al.*, 2023, p.3).

Nesse sentido, indica-se que, mesmo ancorado em indícios (BRAGA, 2008), é preciso avançar no campo e, estritamente, reconhecer gênero, sexualidade e as diferenças nas práticas e nos processos comunicacionais como questões próprias que exigem esforços exploratórios e potentes para a construção epistemológica. Assim como Mafra e Procópio (2022, p. 86), reconhecemos as diferenças — entre as quais destacamos aqui os marcadores gênero e sexualidade — como “fenômenos que provocam rupturas em diversos cenários experimentados por sujeitos e sujeitas na vida social contemporânea”, e a partir dos quais podemos encontrar processos de significação, de normalização,

assimetrias, violências e silenciamentos, enunciativos e também da vida material. Acreditamos, assim, na leitura comunicacional como potência integrativa de abordagens teórico-metodológicas com vieses interpretativos e sensíveis, tanto para análise empírica quanto para a ampliação do debate conceitual a respeito de gênero e sexualidades.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Rayanne Ewellyn de. **Produção da notícia durante a pandemia da covid-19: impactos do novo normal na rotina produtiva das mulheres jornalistas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BORELA, Suzanne da Silva. **Mulheres e covid-19: a mobilização de experiências em uma narrativa jornalística feminista interseccional da pandemia no Brasil**. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BRAGA, José Luiz. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In: VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (Org.). **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016, p. 123-141.

BRITO, Ana Victoria Botelho de. **Debaixo do mesmo teto: O feminicídio durante a pandemia e as narrativas telejornalísticas no Pará**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

BUTLER, Judith. **O futuro da pandemia**. 2021. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/05/28/judith-butler-o-futuro-da-pandemia/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CRISTIE SILVA, Agatha. **Home office, o trabalho fora do lugar: uma análise feminista das condições de trabalho das mulheres jornalistas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

DATRINO, Mariana Alarcon. **Informação e comunicação sobre os direitos das mulheres: a importância da comunicação digital para o acesso à informação**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru.

DINIZ, Debora; BRITO, Luciana; RONDON, Gabriela. Maternal mortality and the lack of women-centered care in Brazil during COVID-19: Preliminary findings of a qualitative study. **The Lancet Regional Health - Americas**, v. 10, p. 100239, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2022.100239>. Acesso em: 14 ago. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (org.). **Comunicação e Gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GOMES DA SILVA, Laura Botosso. **Mediações no jornalismo feminista: o conceito de cuidado na cobertura da pandemia de covid-19 pela revista Azmina**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. Desafios metodológicos à pesquisa sobre gênero e comunicação. *In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/desafios-metodologicos-a-pesquisa-sobre-genero-e-comunicacao?lang=pt-br>. Acesso em: 16 ago. 2023.

MAFRA, Rennan Lanna Martins; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Estéticas e discursos de uma pandemia midiaticizada: a covid-19 e as diferenças no/do contemporâneo. *In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio Humberto; AZEREDO, Luciana (Orgs.). Vozes na pandemia.* Belo Horizonte: LED, 2022, p. 83-102.

MOURA, Marlene Silva de. **Efeitos de intervenções individuais e grupais sobre o desenvolvimento de valor de atitude em mulheres com fibromialgia:** um estudo mediado pela internet na pandemia de Covid-19. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém.

NASCIMENTO, Geysianne Felipe do. **Resiliência informacional e desinformação no contexto do covid-19:** Práticas informacionais colaborativas de mulheres imigrantes brasileiras nas mídias sociais. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

NAVARRO, Pablo Pérez. Introdução – Margens da quarentena: uma assembleia inesperada. *In: NAVARRO, Pablo Pérez (Org.). Histórias da Queerentena.* 1. ed. Cuenca, Equador: Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES-AL), 2020b, p. 13-21.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Gendered Health Analysis: COVID-19 in the Americas.** Washington: Organização Pan-Americana de Saúde, 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55432>. Acesso em: 14 ago. 2023.

RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; PEDRA, Caio Benevides. **Fora do armário e dentro de casa?** 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/fora-do-armario-e-dentro-de-casa>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SCUDELLER, Pedro de Assis Pereira; ROCHA, Rose de Melo; NEVES, Thiago Tavares das. INTERFACES ENTRE O CAMPO DA COMUNICAÇÃO E OS ESTUDOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: um panorama qualitativo do GT Comunicação, Gêneros e Sexualidades da COMPÓS. *In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/interfaces-entre-o-campo-da-comunicacao-e-os-estudos-de-generos-e-sexualidades-u?lang=pt-br>. Acesso em: 16 ago. 2023.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; CORUJA, Paula. Relações de gênero nos estudos de recepção e consumo midiático: perspectivas de teses e dissertações em comunicação entre 2010 e 2015. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 115-128, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/131734/132716>. Acesso em: 12 ago. 2023.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 57-81, 2020. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3472>. Acesso em: 28 mar. 2023.

WILBERT, Malena. **Quando uma de nós morre:** o feminicídio no portal G1 no contexto da

---

pandemia de Covid-19. 2022. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZILLER, Joana et al. CARTOGRAFIA DE DISSIDÊNCIAS: temáticas LGBT nos periódicos brasileiros de Comunicação. *In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/cartografia-de-dissidencias-tematicas-lgbt-nos-periodicos-brasileiros-de-comunic?lang=pt-br>. Acesso em: 14 ago. 2023.